

O E S S E N C I A L S O B R E

Albert Camus

António Mega Ferreira

Índice

7 **Prólogo**

15 **A partir do nada**

27 **O ciclo do absurdo**

41 **Do exílio à revolta**

53 **A Argélia perdida**

65 **«O melhor homem de França»**

75 **Bibliografia**

Prólogo

O princípio de 1960 caiu num fim de semana. Por isso, as férias de Natal foram um pouco mais longas do que era hábito. Na manhã de domingo, dia 3 de janeiro, o editor Michel Gallimard recolheu, na pequena localidade de Lourmarin, em plena Provença, o seu amigo Albert Camus. Na véspera, a mulher do escritor, Francine, e os dois filhos tinham apanhado o comboio na estação de Avignon; Camus era para ter seguido com eles, mas acabou por aceder à insistência do seu editor, que lhe propunha um verdadeiro roteiro gastronómico ao longo dos 750 quilómetros que os separavam de Paris. Com os dois amigos viajavam Janine Gallimard e a filha, Anne, que ia fazer dezoito anos. Seguiam a bordo de um Facel Vega, que era o carro desportivo da moda, cujo último modelo era mais ligeiro de carroçaria e atingia maiores velocidades. Michel adorava conduzir depressa; Camus temia os acidentes de viação.

Camus adquirira a propriedade em Lourmarin nos últimos meses de 1958. O lugar era paradisíaco

(Lourmarin é considerada «uma das mais belas aldeias de França»), a habitação conveniente de preço e confortável. A partir desse momento, a casa na Provença tornou-se o seu refúgio e a sua consolação. O clima quente e seco do sul era-lhe recomendado pelos médicos, já que o seu estado de saúde se agravara nesse ano: a tuberculose crónica tornara-se mais presente e dificultava-lhe a vida e o trabalho. Em Lourmarin, Camus não só dispunha da solidão de que precisava para escrever como ainda beneficiava de um clima mais próximo do padrão do norte de África, em que nascera e vivera as primeiras três décadas de vida.

Os viajantes pernoitaram na hospedaria Au Chapon Fin, em Thoissey, uma *bonne table* que tinha duas estrelas no guia Michelin e se situava a uns 300 quilómetros de Lourmarin. Contavam chegar a Paris a meio da tarde de dia 4, ainda a tempo de uma entrevista que Camus marcara para as 18 horas. Na segunda-feira, dirigiram-se pela estrada nacional 5 até Sens, onde almoçaram no Hôtel de Paris et de la Poste, outra referência gastronómica muito frequentada por Camus. Cerca das duas da tarde, partiram para a última jornada em direção a Paris, cerca de 150 quilómetros. Por alturas de Petit-Villeblevin, numa reta com visibilidade e quase sem trânsito, Michel Gallimard perdeu subitamente o controlo do automóvel, que foi embater num plátano e, depois, noutra. Camus, que viajava ao lado do condutor, teve morte imediata; Michel ficou agonizante, vindo a morrer dias depois.

Em pouco mais de vinte anos, o escritor, que em 1957 recebera, em Estocolmo, o Prémio Nobel

da Literatura, construíra uma obra literária que o tinha tornado célebre em todo o mundo e uma referência incontornável das letras francesas do pós-guerra. Na realidade, o seu trajeto iniciara-se ainda antes do início da II Guerra Mundial, com a edição de *L'envers et l'endroit* (O Avesso e o Direito), em 1937; e a sua obra mais emblemática, *L'étranger* (O Estrangeiro), fora publicada em 1942; mas só o final do conflito permitiu que a obra de Camus circulasse livremente em toda a Europa¹, e foi então que o génio do escritor nascido nos arredores de Constantine, na Argélia, e educado num bairro operário da periferia de Argel, foi reconhecido generalizadamente: doze anos depois, era distinguido com o Nobel. O próprio Camus se espantava com a rapidez com que aquele rapazi-nho pobre descendente de paupérrimos colonos de origem alsaciana e espanhola se transformara num dos escritores mais admirados do seu tempo: «À minha volta, ninguém sabia ler. Imagine o que isso significa», disse mais tarde a um estudioso da sua obra.

1 A obra de Albert Camus começou a ser publicada em Portugal no final dos anos 40, encontrando-se quase totalmente traduzida (António Quadros, Urbano Tavares Rodrigues, António Ramos Rosa, Luiza Neto Jorge e Raul de Carvalho foram alguns dos seus tradutores), embora numerosos títulos (realmente, a maioria) não estejam hoje disponíveis em livraria. Por esse facto, optámos por utilizar, com algumas exceções devidamente assinaladas, as referências das edições francesas, hoje muito acessíveis por estarem todas incluídas na coleção Folio da Gallimard, que foi a sua editora em França. Salvo menção em contrário, todas as traduções são do autor deste livro.

Viera para Paris em 1940, por se ter tornado indesejável no seu país de nascimento, então uma colónia francesa. Do meio em que nascera, emergira para o mundo do estudo e das letras. Apaixonou-se então pelo futebol (que consideraria mais tarde a sua grande escola de vida, porque «a bola nunca nos chega do sítio que imaginávamos»), que viria a abandonar por motivos de saúde: aos 17 anos, foi-lhe diagnosticada uma tuberculose que o condicionaria até ao fim da vida. Licenciado em filosofia com uma tese sobre o pensamento de Plotino e de Santo Agostinho, tornara-se notado pelas suas atividades teatrais (adaptação, encenação e representação), primeiro numa pequena companhia de Argel, o Théâtre du Travail, depois no Théâtre de L'Equipe, ambos de existência fugaz. O teatro seria, aliás, uma paixão constante da sua vida. Levara à cena *Le temps du mépris*, de André Malraux (cuja obra admirou sempre), e *Revolta nas Astúrias*, uma criação coletiva que evidenciava o alinhamento dos seus autores com as causas ligadas aos movimentos operários, rapidamente proibida pelas autoridades. Militante do Partido Comunista, embora fugazmente («recusar-me-ei sempre a colocar, entre o homem e a vida, um volume do *Capital*»), Camus defendera, em artigos para o jornal *Alger Républicain*, os direitos dos árabes, posicionando-se decididamente contra os abusos dos *pieds-noirs*, os descendentes dos antigos colonos. Publicara, ainda em Argel, dois pequenos volumes de «ensaios» poéticos (Camus via-os mais como tentativas do que como *ensaios*, no sentido literário do termo), *L'envers et l'endroit* e *Noces* (Bodas). Mas na capital a sua obra ia conhecer

uma nova fase: depois do sucesso de crítica de *L'étranger*, que lhe granjeou a admiração e a amizade de Jean-Paul Sartre, colaborou ativamente no jornal clandestino *Combat*, de que se tornaria diretor logo após a Libertação, publicou *O Mito de Sísifo* (1942), e, nos anos finais da guerra, viu subirem à cena as peças *Calígula* e *Le malentendu* (O Equívoco).

Quando a guerra terminou, Camus era já uma das figuras de proa do jornalismo e da literatura francesa. Simone de Beauvoir, que o conheceu em 1943, considerou, depois de ler *L'étranger*, que «há muito que nenhum novo autor francês nos tocava tão profundamente» (Beauvoir, p. 603). Tornou-se polêmico com uma série de artigos («Nem vítimas nem carrascos») em que se situava em aparente equidistância do colonialismo e do terrorismo, ainda que este se reclamasse de uma causa aparentemente justa, a da libertação da Argélia em que tinha nascido. Acreditava numa Argélia livre do sistema colonial, embora integrada num espaço federal de língua francesa, que fosse o resultado da colaboração entre a maioria árabe e a minoria descendente dos antigos colonos. Para muitos argelinos, Camus era um estrangeiro na sua própria terra, que se recusava a aceitar uma Argélia onde não houvesse lugar para ele. Publicou *La peste* (1947), romance no qual é possível ver uma alegoria devastadora do nazismo, mas foi com *L'homme révolté* (1951) que se definiu a sua difícil posição cívica e intelectual, contra todas as formas de violência, contra todos os totalitarismos: Sartre rompeu com ele de forma ostensiva e a polémica entre os dois é um dos mais acesos diálogos de

ideias que aconteceram nos anos cinquenta em França. Camus manifesta então o seu apoio a todas as insurreições anticomunistas: a de Berlim, em 1953, a de Budapeste, três anos depois. Por outro lado, reafirma a sua oposição à ditadura franquista e defende os militantes comunistas gregos condenados à morte. O paladino da «terceira via», avesso aos maniqueísmos dominantes, enuncia o princípio fundamental da sua ética, que é a fidelidade a um dever moral: «Acredito na justiça, mas, se fosse preciso, defenderia a minha mãe contra a justiça». Essa intransigência consolidou a imagem de uma solitária austeridade, que no entanto contrastava com a sua constante reivindicação do direito à felicidade e à alegria. Ao longo dos anos cinquenta, intensificou o seu trabalho teatral, com adaptações de Calderón, Faulkner, Buzzati, Dostoiewski e publicou *La chute* (1956) e *L'exil et le royaume* (1957).

Foi em 1957 que Camus recebeu o Prémio Nobel da Literatura, que, segundo disse, devia antes ter sido atribuído a Malraux. Para muitos dos seus críticos, o melhor da sua obra ficara para trás; Camus não conseguiu evitar o desconforto de sentir que a distinção quase o arrumava no panteão das velhas glórias, ele, que ainda não chegara aos 50 anos (tinha 44 quando recebeu o prémio da Academia sueca). Não seria bem assim: o apelo da sua obra tocava sobretudo os jovens, que nela viam um espelho das suas dúvidas e perplexidades, do seu mal-estar e da sua revolta. Mas Camus pressentia que a sua escrita devia agora virar-se para outros horizontes: como todos os escritores, acreditava que o melhor ainda estava para vir. Autoriza então

a republicação dos seus dois primeiros livros, porque «há sempre um tempo na vida de um artista em que ele deve fazer um balanço, aproximar-se do seu próprio centro, para depois tentar aí se manter» (Prefácio a *L'envers et l'endroit*). A um amigo de sempre, Jean de Maisonseul, confia: «Ainda só escrevi um terço da minha obra. Vou começá-la verdadeiramente com o próximo livro». Iniciara já a redação de uma narrativa longa, que trataria da construção de uma vida, a sua, ainda que ficcionada, como se se tratasse da do primeiro homem sobre a terra: nela trabalha intensamente durante as férias de Natal de 1959, em Lourmarin. Chamar-se-ia *Le premier homme*. A versão inicial, 144 páginas manuscritas para um romance ainda em esboço, foi encontrada no local do acidente dentro de uma pasta de couro preta, onde estavam também o seu passaporte, algumas fotografias de família e o seu diário. Guardado ciosamente pela família, o original só viria a ser publicado em 1994, editado pela filha, Catherine. E vale a pena ser lido: às vezes, para ir ao princípio, é melhor começar pelo fim.